



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP CAV MATHEUS JUNGES DAL POZZO

**A FT SU INF PQDT DURANTE AS AÇÕES DE RETRAIMENTO EM UMA
OPERAÇÃO DE INCURSÃO AEROTERRESTRE**

**Rio de Janeiro
2018**



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP CAV MATHEUS JUNGES DAL POZZO

**A FT SU INF PQDT DURANTE AS AÇÕES DE RETRAIMENTO EM UMA
OPERAÇÃO DE INCURSÃO AEROTERRESTRE**

Artigo Científico apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito para a especialização em Ciências Militares com ênfase em Doutrina Militar Terrestre

Rio de Janeiro

2018

MATHEUS JUNGES DAL POZZO

**A FT SU INF PQDT DURANTE AS AÇÕES DE RETRAIMENTO EM UMA
OPERAÇÃO DE INCURSÃO AEROTERRESTRE**

Artigo Científico apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais como requisito parcial para a obtenção do Grau Aperfeiçoamento em Operações Militares.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

RENATO PERERIRA GOMES – TC – Presidente

Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais

RODRIGO SANTOS COIMBRA – Cap – 1º Membro

Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais

SERGIO GUEDES FERREIRA – Maj – 2º Membro

Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais

MATHEUS JUNGES DAL POZZO

A FT SU INF PQDT DURANTE AS AÇÕES DE RETRAIMENTO EM UMA OPERAÇÃO DE INCURSÃO AEROTERRESTRE

RESUMO

Uma operação de incursão aeroterrestre possui uma grande complexidade. Primeiramente por ser uma operação cuja área do objetivo encontra-se dentro de território inimigo. Em segundo lugar, por demandar a utilização de meios aéreos para o lançamento de tropa paraquedista além das linhas inimigas e distante do apoio proporcionado pelo escalão superior. Dentre as ações táticas subsequentes à incursão aeroterrestre, podemos destacar a mais complexa delas, a parte mais difícil da operação, o retraimento. O retraimento deve ser cuidadosamente planejado e conduzido, entretanto, não é possível encontrar nos manuais atualmente existentes, uma descrição pormenorizada de como ocorrerá o retraimento após uma incursão, seja ela Aet ou não. Nesse sentido, aliada a falta de experiência em conflitos reais e a complexidade deste tipo de ação tática, o presente estudo se justifica por promover o aprofundamento das técnicas, táticas e procedimentos sobre a realização de um retraimento após uma incursão Aet, contrastando a doutrina preconizada em nossos manuais pelo Exército Brasileiro com a doutrina do Exército Americano, a fim de promover a construção de conhecimento a respeito deste assunto.

Palavras-chave: Incursão. Operações Aeroterrestres. Retraimento.

ABSTRACT

An operation of airborne raid demands a great complexity. Firstly because it is an operation whose objective area is located within enemy territory. Secondly, it requires the use of a large amount of aircrafts for the airborne assault beyond the enemy lines, far away from the support provided by the allied forces. One of the most complex airborne raid missions is the withdrawal. The withdrawal must be carefully planned and conducted, however, it is not possible to find in the current manuals a detailed description of how withdrawal will occur after an raid, whether airborne raid or not. In this sense, allied with the lack of experience in real conflicts and the complexity of this type of tactical action, the present study is justified by promoting the deepening of techniques, tactics and procedures on the realization of a withdrawal after an Aet incursion, contrasting the doctrine recommended in our manuals by the Brazilian Army with the current state of the art, the doctrine of the American Army, in order to promote the construction of knowledge about this subject.

Keywords: Raid. Airborne Operations. Withdrawal.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	06
2 METODOLOGIA	09
3 REVISÃO DA LITERATURA	11
4 RESULTADO E DISCUSSÃO	17
5 CONCLUSÃO	21
6 REFERÊNCIAS	23

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por finalidade analisar as características de um retraimento após uma Op de incursão Aet, segundo a Doutrina Militar Terrestre.

“Incursão é uma ação ofensiva que se caracteriza por rápidas ações em área controlada pelo inimigo, contra objetivos específicos importantes, desorganizando-o e infligindo-lhe perdas na sua capacidade operativa” (EB70-MC-10.202, 2017, p. 3-17).

Ao abordar o tema “incursão” no contexto das operações aeroterrestres inevitavelmente passaremos a analisar o emprego de uma tropa com características bastante distinta daquela idealizada nos manuais militares do exército brasileiro, principalmente pelo fato dela ser executada por meio de salto de paraquedas.

Embora uma operação de incursão aeroterrestre também ocorra em área controlada pelo inimigo, ela distingue-se das demais operações de incursão por ocorrer a uma distância maior das linhas amigas. Esta peculiaridade influencia diretamente nas ações táticas subsequentes que ocorrem após a realização deste tipo de operação como o retraimento e a retirada.

Apesar das ações de retraimento serem tratadas com relevância nos manuais do nosso exército, não é possível encontrar definições claras de como ela ocorrerá inserida em uma operação com tamanha especificidade como a incursão aeroterrestre.

1.1 PROBLEMA

Esta pesquisa busca analisar o emprego de uma Força-tarefa paraquedista (FT Pqdt), nível subunidade (SU), nas operações de incursão aeroterrestre, tendo por base a revisão sistemática, buscando os ensinamentos colhidos em combate, a fim de avaliar sua aplicabilidade atualmente.

A FT Pqdt é definida pelo manual EB70-MC-10.217 (Operações Aeroterrestres) como *Força-tarefa combinada aeroterrestre (FT Cbn Aet)*, organizada para a execução de uma missão específica, de objetivos e duração limitados, sendo desativada após o cumprimento da missão. Uma FT caracteriza-se pela sinergia entre todos os elementos subordinados, de forma que as deficiências de determinadas frações sejam anuladas pelas possibilidades e características de outras.

De acordo com o Manual C 7-20 (Brigadas de Infantaria), as incursões Aet são semelhantes às outras incursões. A principal diferença entre ambas se resume ao

meio de transporte utilizado, o que motiva a abordagem conceitual de incursão além da incursão Aet.

Os objetivos atribuídos a uma força de incursão Aet comumente estão situados além da distância de apoio do escalão superior, o que a fragiliza. Tal vulnerabilidade fica evidenciada inclusive após a conquista do objetivo, por ocasião do retraimento ou retirada da força de incursão Aet.

Sabe-se da complexidade e da dificuldade na realização de um retraimento ou uma retirada após o cumprimento da missão, em uma Op de incursão Aet. Contudo, ao contrapor a doutrina vigente nos manuais do Exército Brasileiro com as dificuldades levantadas nos exercícios no terreno, faz-se necessária a busca por experiências de exércitos que realizaram esta Op em combate real.

Diante disso, é trazido à tona um questionamento que balizará o desenvolvimento deste estudo: Quais ensinamentos podemos colher da experiência vivida pelo exército americano na realização de um retraimento com êxito em uma Op de incursão Aet?

1.2 OBJETIVOS

A fim de determinar as necessidades operacionais inerentes às ações necessárias para a realização de um retraimento de uma FT valor SU após uma Op de incursão Aet, o presente estudo visa analisar as soluções apresentadas por outros exércitos em operações de natureza similar, comparando-as com o que é atualmente preconizado pelo Exército Brasileiro. Dessa forma, serão apresentadas oportunidades de melhoria para realização de um retraimento com êxito após uma incursão Aet.

Para viabilizar a consecução do objetivo geral de estudo, foram formulados os objetivos específicos, abaixo relacionados, que permitiram o encadeamento lógico do raciocínio descritivo apresentado nesta pesquisa:

- a) Apresentar as características de uma Op de incursão Aet e suas ações táticas subsequentes;
- b) Identificar as características em comum durante a realização de um retraimento seguido de uma operação bem sucedida;
- c) Analisar as dificuldades encontradas para o êxito nas ações de um retraimento após uma incursão Aet;
- d) Comparar, a doutrina preconizada pelos manuais do Exército Brasileiro com a

apresentada pelo Exército Americano, no que tange às operações de retraimento;

e) Identificar, junto a militares que já participaram de Op de incursão seguida de um retraimento, quais foram as dificuldades encontradas e as possíveis soluções para a realização de um retraimento com êxito.

1.3 JUSTIFICATIVAS

Uma Op de incursão enquadra-se em uma Op Ofensiva, inserida, particularmente, no ataque e no reconhecimento em força, com finalidades distintas em cada tipo de Op.

Em uma Op de Rec em Força, a incursão é uma ação desencadeada contra uma posição inimiga, sem a idéia de conquistar o terreno. Consiste em introduzir no dispositivo inimigo uma força capaz de realizar uma ação rápida e violenta, cujo vulto seja suficiente para forçar o inimigo a revelar suas posições, o tempo de reação de suas reservas, seus planos de fogos, etc. Após esta ação, segue-se um rápido retraimento para as linhas amigas (BRASIL, 2003, p. 4-21).

Em um ataque, a incursão possui como objetivos “dissimular outras operações, destruir, capturar ou inquietar forças inimigas, destruir instalações e/ou material inimigo, obter informações sobre o inimigo e capturar e/ou resgatar pessoal” (BRASIL, 2003, p. 7-19).

De acordo com o observado nos parágrafos anteriores, as Op de incursão possuem diferenças marcantes nos seus objetivos. Embora existam algumas diferenças entre as finalidades das Op de incursão no Rec em força e no ataque, a característica principal de uma Op de incursão é a atuação em território controlado pelo inimigo.

Cabe ressaltar, conforme já foi mencionado anteriormente, que uma incursão Aet assemelha-se a uma incursão, distinguindo-se desta apenas pelo meio de transporte utilizado, no caso, o meio de transporte aéreo.

A possibilidade da utilização do meio de transporte aéreo proporciona à tropa paraquedista a peculiaridade de ser empregada a uma distância maior das linhas amigas. Esta característica traz também um ponto bastante importante a ser observado pois, “a força que realiza uma incursão sempre retrai após o cumprimento de sua missão” (BRASIL, 2002, p. 6-59).

A partir desta observação apontada no parágrafo anterior, ressalta-se a importância do retraimento em uma Op de incursão. O manual C2-20, ratifica essa

constatação afirmando que “o retraimento é a parte mais difícil da operação, devendo ser cuidadosamente planejado e conduzido” (BRASIL, 2002, p. 6-59).

Entretanto, não é possível encontrar nos manuais atualmente existentes, uma descrição pormenorizada de como ocorrerá o retraimento após uma incursão, seja ela Aet ou não. Nesse sentido, aliada a falta de experiência em operações reais e a complexidade deste tipo de ação tática, o presente estudo se justifica por promover o aprofundamento das técnicas, táticas e procedimentos sobre a realização de um retraimento após uma incursão Aet.

2 METODOLOGIA

Para colher subsídios que permitissem formular uma possível solução para o problema, o delineamento desta pesquisa contemplou leitura analítica e uma pesquisa bibliográfica.

Quanto à forma de abordagem do problema, utilizaram-se, principalmente, os conceitos de pesquisa qualitativa, haja vista a necessidade de serem abordadas as maneiras distintas de como cada exército se porta nas operações de incursão, particularmente no que diz respeito às ações de retraimento.

Dessa forma, o objetivo geral, do presente trabalho é o analisar as soluções apresentadas por outros exércitos, particularmente o exército americano, em operações de natureza similar, comparando-as com o que é atualmente preconizado pelo Exército Brasileiro. Para isso, foi empregada a modalidade exploratória, tendo em vista o pouco conhecimento disponível, notadamente escrito, acerca do tema, nos manuais existentes no Exército Brasileiro.

2.1 REVISÃO DE LITERATURA

Iniciamos o delineamento da pesquisa com a definição de alguns termos e conceitos básicos pregados pelos manuais do nosso exército. Tal ponto de partida é de suma importância para que seja construída a base que servirá de subsídio para as comparações com o exército americano, que viabilizará uma solução para o problema apresentado nesta pesquisa.

Nesse escopo, a fim de que seja agregada uma maior diversidade de informações sobre o assunto que será abordado, considerando a pouca

disponibilidade de fontes de consulta sobre a *incursão aeroterrestre*, far-se-á necessário buscarmos a relação deste termo com o conceito de incursão no seu significado mais amplo. Este paralelo possibilitará o aprofundamento das pesquisas, proporcionando a construção de um conhecimento mais sólido sobre o tema, que servirá de ponto de partida para o estudo sobre o retraimento das tropas após a realização de uma incursão aeroterrestre.

O Exército Brasileiro encontra-se, atualmente, em processo de modernização e revisão doutrinária, procurando evoluir e aprofundar os estudos nos mais variados tipos de operação. Fruto desse processo, foram aprovados alguns manuais doutrinários recentemente, que serão objeto de estudo desse trabalho.

Contudo, o próprio manual C 7-20 (Batalhões de Infantaria), afirma que o retraimento e a retirada devem ser planejados como parte esquema de manobra ou por ação do inimigo, porém, não aprofunda o assunto, resumindo a experiência de nossos militares a estudos de caso e análises de operações realizadas por outros Exércitos.

Foram utilizadas as palavras-chave incursão, operações aeroterrestres e retraimento, juntamente com seus correlatos em inglês, na base de dados, em sítios eletrônicos de procura na internet, biblioteca de monografias de diversos estabelecimentos de ensino do EB no banco de dados do Centro de Doutrina do Exército. O sistema de busca foi complementado pela coleta de manuais de campanha referentes ao tema, do EB e dos EUA.

a. Critério de inclusão:

- Estudos publicados em português ou inglês, relacionados ao emprego de tropas paraquedistas nas ações táticas subseqüentes de retraimento e acolhimento;
- Estudos que abordem o emprego de tropas paraquedistas nas operações de incursão aeroterrestre; e
- Estudos que abordem o emprego de tropas de natureza mecanizada nas operações de incursão e retraimento.

b. Critério de exclusão:

- Estudos que utilizam tropas paraquedistas que não sejam do EB ou do Exército dos EUA; e

- Estudos cujo escopo central seja relacionado ao retraimento de uma tropa seguindo uma operação distinta da incursão.

2.1 COLETA DE DADOS

Na sequência do aprofundamento teórico a respeito do assunto, o delineamento da pesquisa contemplou a coleta de dados pelo seguinte meio: pesquisa bibliográfica.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Serão abordados, a seguir, alguns conceitos utilizados atualmente nos principais manuais do Exército Brasileiro que tratam sobre o tema em estudo, fundamentais para o levantamento das oportunidades de melhoria a serem elencadas no presente trabalho.

3.1 INCURSÃO AEROTERRESTRE

Dentro do escopo das Operações Aeroterrestres, a incursão aeroterrestre enquadra-se como um dos dois tipos de operação, sendo eles: assalto aeroterrestre e incursão aeroterrestre.

Quesito	Tipo		Incursão Aeroterrestre
	Assalto Aeroterrestre		
Ações Táticas Iniciais	Conquistar	Manter	Destruir Capturar Interditar Assegurar Resgatar Evacuar
Centralização	Centralizada	Descentralizada	Máxima centralização
Objetivo	C Pnt Ae		Objetivo específico
Duração	Curta (72 horas)		Variável
Escalão que Executa	DE Bda FT Btl		FT Btl FT Cia
Ações Táticas Subsequentes	Defesa circular Junção Substituição Retraimento Retirada		Retraimento Retirada

Figura 1: Tipos de Operações Aeroterrestres

Fonte: BRASIL, EB70-MC-10.217, 2017, tab 2-1.

A semelhança entre os termos *incursão* e *incursão aeroterrestre* pode ser encontrada no manual “Batalhões de Infantaria” que afirma que as incursões aeroterrestres são semelhantes a outras incursões, exceto pelo fato de que a força de incursão utiliza o transporte aéreo para deslocar-se para a área de objetivo (C 7-20, 2003, p.7-19).

Somado a esse conceito, o manual EB70-MC-10.202, que trata sobre Op Ofensivas e Defensivas, define incursão como sendo uma ação ofensiva que se caracteriza por rápidas ações em área controlada pelo inimigo, contra objetivos específicos importantes, desorganizando-o e infligindo-lhe perdas na sua capacidade operativa, e que não há ideia de conquista ou manutenção de terreno (EB70-MC-10.202, 2017, p.3-26).

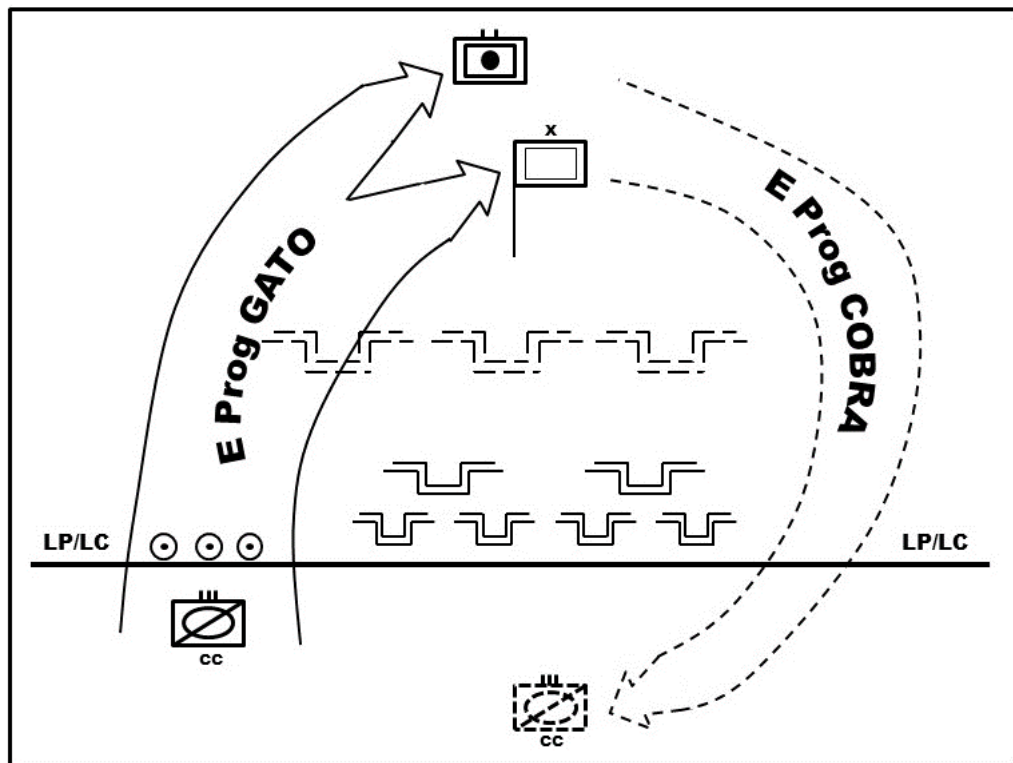


Figura 2: Incursão

Fonte: BRASIL, EB70-MC-10.202, 2017, fig 3-8.

Conforme observado na figura 2, o reatamento e a retirada devem ser planejados como parte do esquema de manobra, ou como resultado da ação do inimigo. Pode ser realizado por via terrestre, aérea ou aquática (C 7-20, 2017, p.7-19).

Ratificando os conceitos anteriormente abordados, o manual que trata especificamente sobre Op Aeroterrestres (EB70-MC-10.217) classifica o termo incursão aeroterrestre dessa forma:

Operação aérea que compreende uma penetração, normalmente furtiva e por meio de salto de paraquedas, em área sob o controle do inimigo, e a execução de uma ação ofensiva, seguida de retraimento ou de retirada. Não há intenção de conquista ou de manutenção de terreno (BRASIL, 2017, p.2-4).

A força de incursão aeroterrestre é a mais apta para se deslocar a maiores distâncias de apoio do elemento que a enquadra. Tal característica demanda uma maior atenção durante o planejamento das operações de incursão aeroterrestre, principalmente pelo fato de que, após uma incursão bem sucedida, será necessário que a força de incursão, que encontra-se em território inimigo, retorne para as linhas amigas.

A partir da definição conceitual de incursão aeroterrestre, que difere das outras formas de incursão devido a utilização do transporte aéreo, conforme explorado no parágrafo anterior, passaremos a abordar a ação tática subsequente a este tipo de operação aeroterrestre, o retraimento.

3.2 RETRAIMENTO

O retraimento e a retirada enquadram-se como os dois tipos de ações táticas subsequentes em uma operação de incursão, conforme observa-se na tabela ilustrativa da Figura 1. No entanto como o objetivo deste trabalho é aprofundar o estudo nas ações de retraimento não irá ser discorrido sobre a retirada.

Embora trate sobre o assunto voltado para tropas de natureza mecanizada, o manual C 2-30, Brigada de Cavalaria Mecanizada, ao versar sobre uma operação de incursão contextualizada em uma operação de reconhecimento em força, menciona a complexidade e a dificuldade do retraimento em uma situação na qual o inimigo já se encontra disposto no terreno, cenário este, bastante peculiar quando se trata do emprego de tropas paraquedistas em uma incursão aeroterrestre.

Incursão- ao contrário da forma anterior, é uma ação desencadeada sobre uma posição inimiga, sem a idéia de conquistar ou de manter o terreno. Consiste em introduzir no dispositivo inimigo uma força capaz de realizar uma ação rápida e violenta, cujo vulto seja suficiente para forçar o inimigo a revelar suas posições, o tempo de reação de suas reservas e seus planos de fogos. Após esta ação segue-se também um rápido retraimento para as linhas amigas. A incursão pode caracterizar-se por uma varredura de CC executada pelo RCB. Deve-se atentar para o fato de essa ser uma ação de difícil

execução e elevado risco quando o inimigo já se encontra posicionado no terreno com todos os seus meios, tendo, ao contrário, a execução facilitada quando o inimigo ainda cerra parte de seus meios para a Z Aç (BRASIL, 2000, P.5-8).

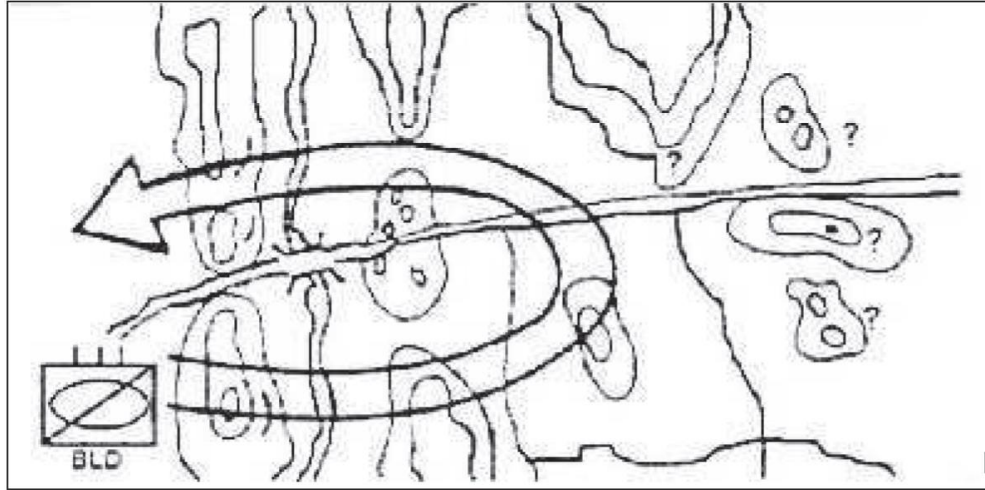


Figura 3: Reconhecimento em força - Ataque de varredura/incursão

Fonte: BRASIL, C 2-30, 2000, fig 5-3

Diante deste cenário, em uma situação totalmente adversa, na qual o inimigo encontra-se no terreno dissociando as tropas paraquedistas das linhas amigas, o retorno da tropa aeroterrestre poderá ser realizado por diversos meios: terrestres, aéreos, aquáticos ou pela combinação destes, de acordo com o que cada situação exigir. Este retraimento poderá ser com pressão ou sem pressão (EB70-MC-10.202, 2017, p. 2-6).

A dificuldade imposta por uma situação desafiadora como a mencionada no parágrafo anterior exige um planejamento especial principalmente no que diz respeito aos aspectos logísticos, haja vista que a tropa que realiza a incursão aeroterrestre deve ter condições de se manter no terreno caso ocorra alguma situação de contingência. Deve ser considerado também qual será o meio utilizado para o retraimento.

Tendo em vista a possibilidade de emprego da unidade, a disponibilidade e capacidade de carga das aeronaves, os prazos para a junção ou para o retraimento, as condições meteorológicas e as possibilidades do inimigo, considera-se desejável a manutenção de um nível operacional de 3 (três) dias de suprimento (BRASIL, 2017, p. 6-6).

Embora uma operação de incursão aeroterrestre possua como uma de suas características a curta duração, também deverá ser levado em consideração para o planejamento inicial, a necessidade de repletamento de efetivo para o prosseguimento da missão, caso esta não tenha obtido o êxito esperado. Este

planejamento de recompletamento deverá contemplar a necessidade solicitada nos pedidos iniciais de recompletamento, baseados na estimativa total das perdas para a operação como um todo, até o retraimento (EB70-MC-10.217, 2017, p. 6-8).

Além disso, o planejamento deverá considerar os itinerários de retraimento, das tropas paraquedistas que realizam a incursão aeroterrestre, dando uma especial atenção aos meios motorizados. Quando possível devem evitar locais organizados da posição defensiva inimiga que se encontram localizados na direção das linhas amigas. Um plano pormenorizado de reconhecimento deverá ser preparado e cuidadosamente coordenado entre a força que retrai e a que se encontra em posição (EB70-MC-10.202, 2017, p. 5-21).

Ao finalmente atingir com sucesso as linhas amigas, faz-se necessário a coordenação das ações de retraimento da força de incursão que retrai com a tropa que se encontra em posição. O manual EB70-MC-10.202, Operações Ofensivas e Defensivas, descreve sucintamente como se dará essa coordenação.

Normalmente, em um retraimento através de uma posição, o Cmt da U em posição assume a responsabilidade pelo controle da Z Aç no momento em que a tropa que retrai atinja uma linha de segurança de apoio de artilharia ou uma linha de controle designada. Pode ser também em uma hora predeterminada, com a desvantagem de talvez se tornar uma vulnerabilidade, devido às flutuações do combate (BRASIL, 2017, p. 5-22).

3.3 ACOLHIMENTO

Embora o manual EB 70-MC-10.217, Operações Aeroterrestres, não aborde sobre o assunto acolhimento faz-se necessário a busca por informações existentes de tropas de outra natureza.

Por ser uma operação complexa, é necessário que haja uma grande coordenação de todos os detalhes desse tipo de manobra que exige diversas medidas de coordenação e controle, com ênfase para os elementos de ligação em todos os escalões (C 7-20, 2003, p.8-9).

Para que o retraimento seja concluído com sucesso, é necessário que a tropa que ocupa a posição defensiva nas linhas amigas realize o acolhimento conforme define o manual EB70-MC-10.202.

Acolhimento - É uma ação comum de combate, na qual uma força passa através da Z Aç de outra que ocupa uma posição defensiva. É utilizado quando se deseja substituir uma força que esteja demasiadamente empenhada ou se encontre muito desgastada. Pode também ocorrer como parte de um movimento retrógrado ou para permitir o retraimento de uma força designada para cumprir outra missão (BRASIL, 2017, p. 5-20).

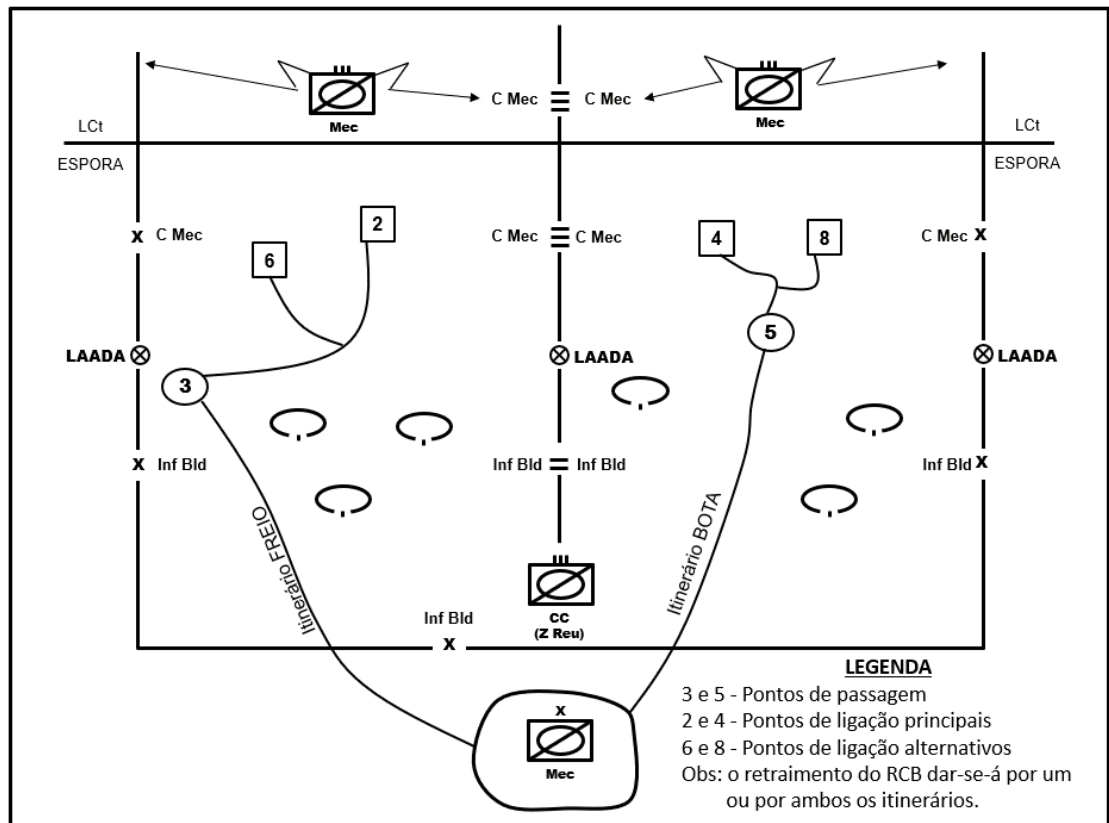


Figura 4: Brigada C Mec acolhida por uma Bda Inf Bld

Fonte: EB70-MC-10.202, 2017, fig 5-3

Cabe ressaltar que os itinerários de reatamento, se possível, devem estar minuciosamente balizados, haja vista que o mesmo será percorrido por uma tropa que virá da mesma direção do inimigo. Esta característica demanda uma perfeita coordenação entre a força de incursão e a tropa que realizará o acolhimento nas posições defensivas, sendo necessário que o sistema de balizamento seja completamente retirado após as ações de acolhimento serem concluídas (C 7-20, 2003, p.8-9).

Após acolhida, tendo realizado um reatamento com êxito, a força de incursão poderá realizar diversas atividades, ficando à disposição do escalão superior, podendo:

- deslocar-se para a área de repouso, a fim de reorganizar-se e passar por novo período de instrução;
- cobrir o reatamento de outra força; ou
- deslocar-se para outra área, a fim de ser empregada em nova missão. (EB70-MC-10.202, 2017, p. 5-22).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir deste ponto, serão analisadas as soluções apresentadas pelo Exército Americano, em operações de natureza similar à incursão aeroterrestre, comparando-as com o que é atualmente aplicado e preconizado pelo Exército Brasileiro.

O Exército Americano inclui o assunto incursão aeroterrestre inserido na fase das operações táticas terrestres, juntamente com operações como junção, retirada (terrestre ou aerotransportada), exfiltração, resgate e captura de aeródromo.

Contudo, o termo incursão aeroterrestre é tratado de forma semelhante em sua definição pelo Exército Americano no manual FM 90-26, *Airborne Operations*, que discorre o emprego das tropas paraquedistas por aquele exército.

A organização, equipamento e capacidades das unidades paraquedistas possibilitam a condução de incursões aeroterrestres através das linhas inimigas. O combate disperso e dinâmico proporciona diversas possibilidades na condução deste tipo de incursão. Tanto as aeronaves do Exército, da Marinha como da Força Aérea podem ser empregadas para transportar a força de incursão (US ARMY, 1990, p.7-1, tradução do autor).

Da forma bastante semelhante ao preconizado no manual EB70-MC-10.217, *Operações Aeroterrestres*, o Exército Americano cita como finalidades da incursão:

- Destruição de instalações inimigas ou posições;
- Captura ou eliminação de tropas inimigas;
- Resgate de elementos aliados;
- Sabotagem ou inquietação de operações inimigas;
- Aproveitamento de acidentes capitais ou objetivos de inteligência similares;

Por fim, uma retirada planejada é executada na conclusão da missão atribuída pelo escalão superior (US ARMY, 1990, p.7-1, tradução do autor).

É possível observar que além das missões previstas para incursão aeroterrestre no Exército Brasileiro (destruir, capturar, interditar, assegurar, resgatar e evacuar) o Exército Americano inclui como objetivo deste tipo de operação aeroterrestre a sabotagem e inquietação das operações inimigas.

Da mesma forma que o Exército Brasileiro, os americanos, tratam a incursão aeroterrestre como uma incursão terrestre, exceto pelo fato de ser aerotransportada até o objetivo, através do emprego de tropas paraquedistas e até mesmo realizar o retraimento ou retirada através dos meios aéreos. Com as características e possibilidades que o transporte aéreo proporciona, a tropa paraquedista pode ser empregada além das posições inimigas e dos obstáculos do terreno que prejudicariam

uma incursão terrestre. O objetivo neste tipo de operação fica localizado além do apoio proporcionado pelo escalão superior (US ARMY, 1990, p. 7-2, tradução do autor).

Em consequência das características elencadas no parágrafo anterior, o Exército Americano enfatiza um estudo aprofundado de inteligência e contra inteligência na fase de planejamento, bem como o estudo pormenorizado de como será realizado o retraimento das tropas paraquedistas após as ações de incursão aeroterrestre (US ARMY, 1990, p. 7-2, tradução do autor).

A preparação para uma incursão aeroterrestre é similar a um assalto aeroterrestre, com ênfase nos seguintes aspectos:

- Estudo detalhado de inteligência;
- Planos de dissimulação e contra inteligência;
- Planos detalhados de retraimento, incluindo planos de contingência;
- Composição dos meios para a operação (US ARMY, 1990, p.7-2, tradução do autor).

Com relação ao último aspecto citado, a composição dos meios e a natureza da missão irão influenciar no efetivo e nos meios empregados para realizar a incursão. O efetivo deve ser sempre o menor necessário para o cumprimento da missão, sendo divididos em escalão de ataque, escalão de segurança e uma reserva. Entretanto, esta estrutura deve ser composta de forma que preserve uma reserva com flexibilidade para atender os elementos em primeiro escalão, sendo mantida geograficamente fora da área do objetivo até que seja necessário seu emprego (US ARMY, 1990, p. 7-2, tradução do autor).

O período em que será realizada a incursão aeroterrestre é fundamental para o seu sucesso, podendo ser conduzida à noite, no amanhecer ou entardecer, em condições de neblina ou névoa, ou durante outras condições de baixa visibilidade. Tais condições propiciarão surpresa e diminuirão os riscos da força de incursão ser detectada. Caso seja necessária a execução de uma incursão aeroterrestre diurna, haverá uma demanda maior de apoio de fogo, incluindo apoio aéreo tático e o uso de medidas que visem evitar a observação inimiga (US ARMY, 1990, p. 7-3, tradução do autor).

Com relação à condução de uma incursão aeroterrestre, o manual do Exército Americano *Airborne Operations*, detalha o andamento deste tipo de operação, diferentemente do EB70-MC-10.217, *Operações Aeroterrestres*, que recorre basicamente à incursão realizada por tropas de natureza terrestre:

Imediatamente após a aterragem, os elementos da força de incursão iniciam, de maneira descentralizada, o cumprimento das suas respectivas missões.

(1) As ações do escalão de incursão são descentralizadas; cada elemento opera como ordenado de acordo com sua própria missão, porém suas ações são coordenadas pelo comandante da incursão. Durante o ataque, o dinamismo deve ser enfatizado.

(2) A força de incursão, ao entrar na área do objetivo, deve ser forte o suficiente para derrotar a resistência inimiga imediatamente e cumprir a missão recebida. Entretanto, a chave para o sucesso da missão como um todo é isolar a área do objetivo; isto irá impedir o inimigo de movimentar suas forças para o seu interior e derrotar a força de incursão. O isolamento da área do objetivo pode ser cumprido com furtividade ou violência.

(a) Furtividade: A força de incursão pode entrar na área do objetivo com velocidade e furtividade suficientes para que o inimigo não a localize a tempo de reagir com força combativa suficiente. Operações com esta característica são possíveis quando a área de objetivo encontra-se em uma região remota da área controlada pelo inimigo ou quando a força de incursão pode cumprir rapidamente a missão recebida.

(b) Violência: Caso a missão não possa ser cumprida antes do inimigo localizar a força de incursão e movimentar suas forças para a região onde será o ataque, então a violência deverá ser usada. Isto demanda um apoio do escalão superior, a fim de isolar a área do objetivo, para manter o inimigo fora desta área, impedindo-o de movimentar forças para a região e prevenir um ataque aéreo inimigo na área. (US ARMY, 1990, p. 7-3, tradução do autor).

Em uma fase posterior a incursão, ocorrerá o retraimento. O retraimento deverá ser cuidadosamente planejado porque é o momento mais difícil da operação. A força de incursão pode retrair por meios terrestres, aéreos, marítimos ou até mesmo pela combinação deles. Foram elencados alguns aspectos interessantes a serem levados em consideração durante o retraimento, abordados pelo manual *Airborne Operations*.

O retraimento das tropas paraquedistas pode ser realizado por aeronaves de transporte, helicópteros, aeronaves anfíbias, podendo ser precedido por um retraimento terrestre até um ou mais pontos de coleta. É aconselhável que todos os equipamentos e suprimentos sejam evacuados. No entanto, a prioridade no retraimento é para o pessoal em detrimento do material. Todo o material que não puder ser evacuado deverá ser destruído.

O comandante da força de incursão deve designar as áreas de pouso para o retraimento ainda na fase de planejamento da operação. Tais áreas não devem ser modificadas até o último minuto.

A força de incursão poderá retrair por terra, através de uma exfiltração, em uma situação de contingência, nas seguintes condicionantes:

- O inimigo possui superioridade aérea;
- O inimigo é capaz de impedir extração aérea ou terrestre;

- A distância para as linhas amigas é curta;
- O terreno providencia cobertas e abrigos para o deslocamento a pé;
- A força de incursão possa deslocar-se com equipamentos leves com material e pessoal capturados;
- A rota de exfiltração passe através de uma região ocupada por uma população local favorável ou por guerrilheiros que possam auxiliar no deslocamento;
- Regiões desabitadas através da rota de exfiltração;e
- O inimigo está disperso ou é incapaz de concentrar forças contra a força de incursão que realiza a exfiltração (US ARMY, 1990, p. 7-8, tradução do autor).

A evacuação através do mar é viável apenas nos locais onde a água aproxima-se da rota de saída. Submarinos, embarcações e pequenos barcos podem ser usados. Aeronaves, nestes casos podem ser empregadas para proporcionar cobertura durante o retraimento (US ARMY, 1990, p. 7-3, tradução do autor).

O retraimento das tropas paraquedistas após a incursão pode ser previamente planejado ou se tornar necessário devido alguma ação inimiga. As limitações do transporte aéreo e o formato circular da cabeça de ponte aérea são fatores complicadores que não estão presentes em um retraimento terrestre, utilizando-se do dispositivo representado na Fig 5.

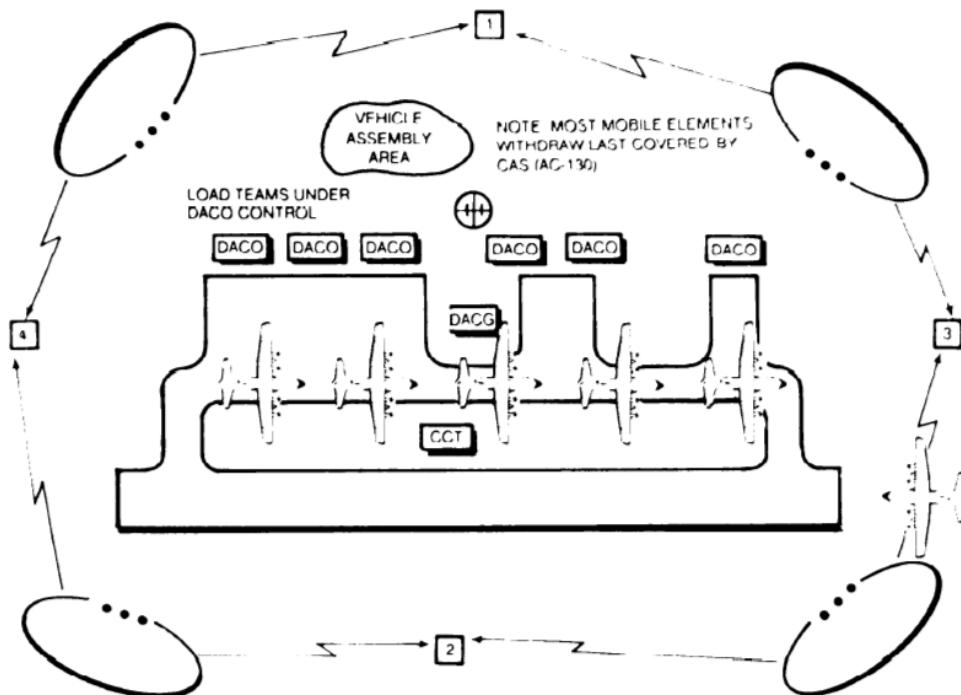


Figura 5: Dispositivo do retraimento através de meios aéreos.

Fonte: US ARMY, FM 90-26, 1990, Fig 7-1.

Caso a situação permita, a sequência da evacuação será suprimento, material e pessoal, nesta prioridade (US ARMY, 1990, p. 7-6, tradução do autor).

Os fatores a serem levados em consideração durante o retraimento aéreo são os seguintes:

- (1) A operação requer quantidade suficiente de aeronaves e Zonas de Lançamento.
- (2) Superioridade aérea local ou ausência de interferência aérea inimiga é essencial.
- (3) A operação é sensível ao clima tanto na área do objetivo como na área da base da operação.
- (4) Surpresa e dissimulação são essenciais para o sucesso da operação. Um inimigo vigilante e preparado poderá buscar o máximo de interferência nas ações tão logo ele detecte as evidências de que ocorrerá um retraimento.
- (5) O retraimento do escalão que está em contato com o inimigo é a fase mais crítica deste tipo de operação.
- (6) A decisão para retrair através de meios aéreos deve ser feita cedo o suficiente para proporcionar o planejamento e coordenação adequados.
- (7) Prioridade para evacuação de soldados, suprimentos e materiais deve ser estabelecida. Suprimentos e equipamentos que não puderem ser evacuados deverão ser destruídos (com exceção dos suprimentos médicos) (US ARMY, 1990, p. 7-6, tradução do autor).

As funções a serem desempenhadas durante as ações de retraimento aéreo são as seguintes:

- (1) Comandante das tropas paraquedistas: É o comandante da operação como um todo e decidirá se realizará o retraimento ou evacuação da força de incursão.
- (2) Comandante das forças terrestres: É quem determina a prioridade do movimento das unidades. Ele fornece ao comandante de transporte aéreo a lista das baixas por prioridade nos carregamentos aéreos, indicando os pontos de embarque e o destino. Ele estabelece ao oficial do controle de embarque quem realizará as funções seguintes.
- (3) Comandante de transporte aéreo: É quem controla o movimento aéreo, estabelecendo instalações dentro da área do objetivo para coordenar os pousos e decolagens das aeronaves no local.

5 CONCLUSÃO

Quanto às questões de estudo e objetivos propostos no início deste trabalho, conclui-se que a presente pesquisa atendeu ao seu propósito no que tange às ações táticas de retraimento em operações de incursão aeroterrestre.

Através de uma pesquisa bibliográfica, foi possível levantar os conceitos doutrinários aplicados pelo Exército Brasileiro, com ênfase no manual EB70-MC-10.217 (Operações Aeroterrestres), comprovando, através do comparativo com a doutrina militar do Exército Norte Americano, uma significativa influência em aspectos como a finalidade das missões de incursão (destruir, capturar, interditar, assegurar, resgatar e evacuar) e a importância destinada às ações de retraimento e retirada por ocasião do término da missão.

Embora o manual EB70-MC-10.217 trate as ações de retraimento como fator preponderante para o sucesso de uma operação de incursão aeroterrestre, o mesmo não descreve de forma pormenorizada como ocorrerá esta ação subsequente. Em consequência, faz-se necessária a busca por conceitos acerca do assunto em outros manuais, como o manual EB70-MC-10.202, Operações Ofensivas e Defensivas, aplicado a tropas com características diferentes da tropa paraquedista.

Diante do exposto, o presente estudo buscou valer-se da doutrina aplicada pelo Exército dos Estados Unidos no que diz respeito às ações de retraimento em operações aeroterrestres, que aborda o referido tema de maneira mais específica, porém, com a peculiaridade de atender as características e possibilidades do Exército Americano, evidentemente, bastante distinto do Exército Brasileiro.

Consequentemente, ainda que o Exército Brasileiro empregasse a mesma doutrina dos norte-americanos, teria certa dificuldade para colocá-la em prática, pois, atualmente, iria carecer, principalmente, da quantidade de meios para realizar um retraimento através de meios aéreos, por exemplo, haja vista a enorme demanda de aeronaves de transporte para este tipo de operação.

Conclui-se, portanto, que é possível adaptar algumas ideias da doutrina do Exército Americano no que diz respeito ao assunto em pauta. Os conceitos utilizados nos manuais do Exército Brasileiro suscitam uma abordagem genérica sobre as ações de retraimento em uma incursão aeroterrestre, que podem ser complementadas por concepções já testadas em conflitos recentes por aquele exército.

REFERÊNCIAS

MINISTÉRIO DA DEFESA. Estado-Maior da Defesa. **Manual de Abreviaturas, Siglas, Símbolos e Convenções das Forças Armadas - MD33-M-02**. Brasília, 3ª Edição, 2008.

_____. Estado-Maior do Exército. **Manual de Campanha: Brigada de Cavalaria Mecanizado - C2-30**. Brasília, 2ª Edição, 2000.

_____. _____. **Manual de Campanha: Batalhões de Infantaria – C7-20**. Brasília, 3ª Edição, 2003.

_____. _____. **Manual de Campanha: Operações – EB70-MC-10.223**. Brasília, 5ª Edição, 2017.

_____. _____. **Manual de Campanha: Glossário de Termos e Expressões para uso no Exército – C20-1**. Brasília, 4ª Edição, 2009.

_____. _____. **Manual de Campanha: Operações Ofensivas e Defensivas – EB70-MC-10.202**. Brasília, 1ª Edição, 2017.

_____. _____. **Manual de Campanha: Operações Aeroterrestres – EB70-MC-10.217**. Brasília, 1ª Edição, 2017.

_____. Exército Brasileiro, Comando de Operações Terrestre. **Instruções Provisórias: Esquadrão de Cavalaria Paraquedistas– IP 2-33**. Brasília, 1ª Edição, 1994.

DEPARTMENT OF THE ARMY. **Field Manual: Airborne Operations – FM 90-26**. Washington, 1ª Edição, 1990.